



educação libertária com k: a educação anarquista das okupas¹

paulo marques

Pretendemos voltar o olhar para esse “outro” da Escola, hoje negado, excluído, mistificado, subjugado, em vias de aniquilação. A dignidade dessa alteridade educativa, vinculada a formações sociais igualitárias, que desconheciam a fissura social e resistiam a farsa sangrenta de nossas democracias, assinala, por um movimento complementar, o oprobrio da Escola, construída sobre a figura do “aluno” em tanto “prisioneiro em tempo parcial”, do professor como “educador mercenário” e da pedagogia tal compêndio de auto-engano docente e readaptadora do artifício socializador e subjetivizador.²

Voltar o olhar para as condições de possibilidades de uma Educação Libertária e anárquica na atualidade, para um “outro da escola”, uma educação não-institucional, uma “alteridade educativa”, como propõe Pedro Garcia Olivo na epígrafe acima, ao referir-se às práticas educacionais

Paulo Marques é professor da Faculdade de Educação da UFPel, coordenador do Projeto de Pesquisa Educação Libertária e Anarquista-GPEL&A e do Projeto de Ensino Multiversidade Autogestionária de Aprendizagens Livres da Oca. Contato: plamarques@yahoo.com.br.



das formações sociais igualitárias como as comunidades indígenas, é o objetivo deste artigo.

Para tanto, apresentamos um estudo com foco nos espaços de vivência e cultura autogestionária das *Okupas Anarquistas*. O nosso olhar se direciona, assim, para essas experiências coletivas urbanas que, a partir de suas sociabilidades libertárias e igualitárias, podem ser caracterizadas pelo que Passetti e Augusto³, na esteira de Foucault, denominam de *heterotopias da invenção*⁴, ou seja, um *locus* onde se constroem *vidas e relações* anárquicas que deixam de ser utópicas, de um “não lugar”, para tornarem-se *heterotópicas* na produção de sentido de um “outro lugar”.

As *Okupas* heterotópicas, em sua experimentação/invenção, auto-criação ética e estética, produzem vidas em *devenir* em permanente transformação, possibilitam processos de troca de saberes, intercâmbio e partilha de conhecimentos. Identificamos essas experimentações como processos educativos anárquicos por excelência que resgatam as práticas vinculadas às formações sociais igualitárias de que fala Garcia Olivo em seus estudos sobre formas educacionais não institucionalizadas.

As *Okupas*, como espaços de troca de saberes e auto-formação, constituem-se assim como possíveis “outros” da Escola — instituição que se fundamenta, segundo Ivan Illich⁵, na lógica do “fechamento” dos saberes em um único espaço legitimado pelo poder, “fixo”, “burocrático”.

A escola constitui-se historicamente como máquina disciplinar de engrenagens cuidadosamente articuladas; estrutura-se e funciona graças a suas coerções permanentes, seus treinamentos progressivos e sua docilização



automatizada. Segundo Beltrão, “as mudanças históricas que se leem ou se veem nela dizem muito mais respeito aos aperfeiçoamentos e às sofisticções de seus mecanismos do que a ‘tendências pedagógicas’ que nela possam existir ou ter existido”⁶. Na esteira dessa crítica às escolas, Pedro Garcia Olivo afirma que, “em última instância, é a escola como forma educativa, a que indefectivelmente assimila. A fórmula-escola, patenteada na Europa no século XIX, serve para homogeneizar, assimilar e incorporar as populações ao aparato econômico e político do Estado moderno capitalista. Pedir-lhes outra coisa é piscar o olho para que faça o de sempre como se estivesse fazendo algo novo, é enganar o povo”⁷.

Autoidentificando-se como antipedagogo, em suas diversas obras o espanhol Garcia Olivo constrói suas teses a partir de referências como Nietzsche, Artaud, Deleuze, Foucault e Ivan Illich. Para além da crítica à educação institucionalizada, ele aponta algumas possibilidades de uma educação oposta à escolarização burocrática estatal. São elas a educação indígena comunitária, os processos de educação sem escola, a educação das comunidades rurais-marginais e dos grupos autogestionários, baseadas, sobretudo, na dinâmica desescolarizada, na auto-educação e no autodidatismo. Para ele, é a partir dessas formas auto-educacionais que podemos pensar em um processo de autoconstrução ética-estética de sujeitos para a luta, que justificaria falar de uma Educação Libertária.⁸ Mas como seria na prática a realização dessa Educação Anarquista e Libertária? Assim como as ideias sobre o anarquismo são múltiplas, o que leva a referir-se a ele sempre no plural, com uma educação anarquista/libertária não é diferente. Assim, optamos



aqui pela interpretação de Clóvis Kassick, segundo a qual a principal característica da Educação Libertária é educar para a singularidade. Conforme esse autor, “a singularidade pressupõe a liberdade, e só é possível em sua presença. Assim como o exercício da liberdade individual na coletividade implica a singularidade; isso é, vivendo em liberdade cada um é si mesmo”⁹. Nesse sentido, corroboramos com essa caracterização, em linhas gerais, da Educação Anarquista/Libertária como exercícios de autocriação *em e para* a liberdade na perspectiva da singularidade.

É a partir dessas referências teóricas que desenvolvemos a hipótese de que as *Okupas Anarquistas* constituem-se como um desses lugares para *além da escola e/ou* como o seu contrário, um *outro lugar*, ou *outro da Escola* que potencializa processos culturais educacionais livres e autogestionários “aqui e agora”, e nos permite pensar a hipótese de possibilidade de uma educação enquanto ensaio/experimentação/vivência de liberdade e construção de singularidades.

Para realizar essa reflexão, partimos da seguinte questão: no atual contexto histórico, como é possível identificar nas atividades das *Okupas Anarquistas* baseadas na troca de saberes e conhecimentos livres e autoformação uma Educação Libertária contemporânea? E podemos completar ainda este questionamento com as perguntas de Garcia Olivo: “esse ‘outro’ da Escola, vinculado a formas culturais que nos provocam estranheza, é para nós verdadeiramente acessível? ¿Podemos aspirar a decifrar’, a ‘conhecê-lo’ e a ‘descrevê-lo’? Está ao alcance de nossas técnicas de exegese, de nossa forma de racionalidade?”¹⁰.



Educação libertária com K: a educação anarquista das Okupas

Portanto, pensar em uma educação para além desse paradigma dominante passa também por disputar conceitos como o de *Educação*, de *conhecimentos*, e, ao mesmo tempo, consolidar outros espaços heterotópicos de invenção como *locus* de uma Auto-educação Anárquica em ato.

Cabe destacar ainda que essa educação desescolarizada, para além das instituições de ensino, que identificamos como Educação Libertária em potencial, é uma possibilidade ainda em construção.

Com o objetivo de estruturar nossos argumentos, desenvolvemos este estudo a partir de três tópicos: o primeiro versa sobre as contribuições teóricas contemporâneas de crítica à educação institucionalizada e os elementos que caracterizam uma prática de educação não institucional a partir do referencial teórico do espanhol Pedro Garcia Olivo¹¹; no segundo tópico abordamos o lugar e a caracterização das *Okupas Anarquistas* no contexto de reinvenção do movimento anarquista contemporâneo; e no terceiro apresentamos uma descrição de experiência de uma *Okupa* e sua relação com as práticas de cultura-educação em perspectiva anarquista.

a educação anarquista para além das instituições

...a “educação livre” se dá justamente ali onde acaba a Escola, começa somente quando acaba a Escola...¹²

Não é nenhuma novidade o fato de que a educação ocupa um lugar especial na filosofia política e na prática anarquista. Para os libertários, ela é parte fundamental da



luta pela transformação individual e revolução social que o movimento ácrata busca construir historicamente. Sendo assim, sua proposta educacional está fundamentada nas premissas dessa filosofia, como a *ação direta*, a *autogestão* e o *apoio mútuo*.¹³

Todavia, é importante destacar um elemento que caracteriza o pensamento anarquista em geral e o educacional em particular, que é a sua pluralidade. Dessa forma, encontraremos nas concepções educacionais dos libertários vertentes distintas que, partindo da mesma fundamentação crítica à educação controlada pelo Estado, apontam para propostas diversas.

Garcia Olivo aponta duas variantes práticas dos anarquistas no campo da educação, a *construtivista*, que se propõe à construção, como contraponto à pedagogia tradicional, de uma “outra escola”, que seria “inovadora”, “democrática”, “participativa” e “Libertária”. É a perspectiva que mantém a crença na forma “escola” como espaço privilegiado para a educação.

Já a segunda variante é a *desescolarizadora*, que parte da crítica à instituição escolar como espaço único de educação. Advoga pela educação livre em espaços não-institucionais. Defensor dessa perspectiva, Garcia Olivo destaca ainda que estas duas perspectivas estiveram presentes historicamente nas práticas educacionais dos anarquistas e ainda orientam suas discussões e práticas até hoje:

“Homens e mulheres anarquistas quebram hoje a cabeça procurando desenhar uma Escola não-opressiva, não-autoritária, não-domesticadora; e, ao mesmo tempo, outros homens e mulheres não menos anarquistas lutam



por arrancar seus filhos das garras da Escola e prover-lhes da educação que necessitam sem transigir por isso com o “encerro” — educação pela família, educação na comuna, coletividade educadora, auto-educação”¹⁴.

Na atualidade, podemos afirmar que presenciamos um crescimento tanto das discussões como das práticas de educação desescolarizadoras, sejam nos coletivos e grupos de pais que realizam experiências e iniciativas de cultura-educação como em comunidades de aprendizagem, grupos de estudos, oficinas, cursos livres, realizadas em espaços autônomos como bibliotecas libertárias, Centros de Cultura, etc. São essas experimentações que possibilitam pensar uma nova concepção e/ou conceito de educação desvinculado da escolarização e agora fundamentada em uma perspectiva de educação livre. Cabe destacar ainda que, ao contrário dessas práticas desescolarizadas que têm crescido nos últimos anos, são muito raras as experiências de instituições de ensino (escolas) com perspectiva anarquista em funcionamento na atualidade. Uma das que se identificam como “escola anarquista” é a Paidéia¹⁵, localizada na cidade de Mérida, Espanha.

Com forte influência do pensamento de Nietzsche e Ivan Illich, Foucault e Deleuze, o espanhol Pedro Garcia Olivo é atualmente quem tem elaborado as críticas mais radicais sobre a escola e a educação institucionalizada. Ele não só analisa criticamente a escola como instituição de dominação e máquina disciplinar, como definia Foucault, mas, sobretudo, a figura do professor e do pedagogo, apontando o seu caráter “demiúrgico” de “criador de homens”, legitimado pelo Estado, que lhe confere a tarefa de intervir nas consciências como reformador moral e “domador”:



“Compartilho da opinião de Wilde: ‘Assim como o filantropo é a desgraça da esfera ética, a desgraça da esfera intelectual é o homem ocupado sempre na educação dos outros’. E creio, assim mesmo, que a pedagogia moderna, apesar dessa inocência um tanto tosca que destila em seus manifestos, tem trabalhado desde o princípio para uma causa infame: a de intervir policialmente na consciência dos estudantes, procurando em todo momento uma espécie de reforma moral da juventude. ‘Um artifício para domar’: assim a conceituou Ferrer i Guardia”¹⁶.

Garcia Olivo denuncia ainda a figura “sacerdotal” do professor, que no passado tinha a função de formar os fiéis, cumpridores dos desígnios sagrados da religião, e que na modernidade se destina a formar patriotas, indivíduos úteis para o Estado, uniformizados, previsíveis e dóceis. Para ele, o professor:

“À maneira de um déspota ilustrado, apetrechado de conhecimentos ‘especializados’ e pautas ‘científicas’, o educador moderno, sucedâneo da divindade, se entregaria a uma empresa ‘redentora’, ‘salvífica’, quase estritamente ‘religiosa’... Mas, em realidade, nada, absolutamente nada, nem os estudos, nem as leituras, nem a formação ‘científica’, nem os títulos ‘acadêmicos’ autorizam a um homem (lamentável funcionário, muitas vezes) a elevar-se tão ‘por cima’ dos demais e decretar, desde essas alturas, que tipo de ‘sujeito’ necessita a humanidade para ‘progredir’ ou curar suas feridas; nada há em sua preparação ou em seu caráter que o capacite para tentar aquela infamante operação pedagógica sobre a consciência estudantil; nada justifica que se arrogue um papel ‘divino’, arremedo da Criação, e mire a sociedade toda com olhos de águia”¹⁷.



Educação libertária com K: a educação anarquista das Okupas

Essa constatação acerca do poder do professor sobre o aluno vem ao encontro do que Max Stirner já apontava sobre a educação no seu clássico *O Único*, de 1845, ao questionar: “Quem é que, de forma mais ou menos consciente, nunca reparou que toda a nossa educação está orientada no sentido de produzir em nós sentimentos, ou seja, de os *impor*, em vez de nos deixar a iniciativa de os produzir, sejam eles quais forem?”¹⁸. Pergunta que ainda mantém toda sua atualidade.

Outro aspecto importante da crítica de Garcia Olivo à educação e ao papel dos professores (profissionais do saber) está no fato de que ele não direciona suas críticas à educação e ao professor tradicionais, o que considera uma “crítica fácil”, muito comum, mas que, segundo ele “dilui e impede a crítica mais importante” que diz respeito ao “professor moderno”, “progressista”, “contestador” do “professor reformista” que, para ele, é hoje mais nefasto que o professor autoritário. Para sustentar essa posição ele levanta questões que procuram mostrar a contradição de tentar reformar as instituições educacionais.

Por fim, pergunta: Como pode um professor, um funcionário, um empregado do Estado, alegar que desenvolve seu trabalho desde a perspectiva da Contestação, da Resistência, da Negação do Poder? “Minha resposta”, diz Garcia Olivo, “é hoje inequívoca: isto não é concebível, não se sustenta, nada disso é possível... Por essência, a figura do Professor é uma figura autoritária”. Ou seja, para Olivo, o professor, “pela natureza de sua prática social, pela estrutura da Instituição em que trabalha, pelo modo em que a Legislação ‘definiu’ seu ofício (delimitando um espaço de ‘obediência’, espaço da norma; e também um



espaço de ‘desobediência induzida’, de ‘ilegalismo útil’, espaço da dissidência integrada, do reformismo), pelos conceitos filosóficos a que acolhe, pela ‘moral’ que vigia seus passos, pela ‘formação’ que recebeu, pela maneira em que o estudo, a Universidade, o emprego a nomeação vão moldando seu caráter, pelo qual ‘ensina’ no plano da ‘pedagogia implícita’, do ‘currículo oculto’, pelos modelos que perpetuam em sua relação com os alunos e com as autoridades educativas, por sua atitude ante a Escola, pelos ‘signos’ de que se investe, etc., por tudo isso, o Professor, o Educador (dizia) aparece sempre como um baluarte da reprodução ideológica do sistema, um segregador e um domesticador social, um agente da repressão e da violência simbólica, uma etapa decisiva na cadeia de autoritarismo, um ‘corretor’ de caráter, um recodificador policial do desejo”¹⁹.

Malgrado as transformações ocorridas ao longo do tempo, é emblemático que o sistema de educação estatal continue, em pleno século XXI, baseado na mesma lógica educacional dos jesuítas, vigente no período do Brasil Colonial do século XVI. Considerados os pioneiros do modelo escolar no país, conforme nos mostra Corrêa, esse sistema escolar de educação que “se estrutura em espaços fechados, de saberes selecionados tidos como universais, reunidos em programas com dificuldades crescentes adequados às capacidades infantis e submetidos a censuras morais sustenta-se, ainda hoje, como paradigma do nosso sistema de educação escolar”²⁰.

A crítica da educação institucionalizada com sua lógica de “confinamento educativo” em uma escola não é nova, já foi alvo de questionamento por parte de muitos pensadores como Stirner, Nietzsche, Ilich e Reimer, como destaca Garcia Olivo:



Educação libertária com K: a educação anarquista das Okupas

“Quero dizer com tudo isso que, como sublinhou Ivan Illich, o ‘encerro’ não é a condição fundamental da Educação, não é uma premissa insuprimível, ainda que assim o postule a ideologia escolar. Tem sido essa ideologia profissional dos pedagogos e dos docentes, de acordo com os interesses do Estado, a que tem centrado todo o debate a propósito da Educação em torno da figura da Escola. Naturalizada, presa do que Lukács denominou o ‘malefício da coisificação’, a instituição escolar se converteu finalmente em um fetiche, em um ídolo sem crepúsculo. E a exigência do confinamento educativo aparece hoje como um dogma de toda pedagogia, reformista ou não; como um ‘credo’ ao que se abraçam sem exceção Estados, ditatoriais ou democráticos”²¹.

anarquia em ação: os espaços okupas no contexto das reinvenções da anarquia no século XXI

*O anarquismo não é uma coisa do futuro, mas sim do presente.*²²

Daniel Barret, no seu livro *Los sediciosos despertares de la Anarquía*, faz referência a uma *mudança de época* que vive o movimento anarquista na atualidade, cujas novas práticas e ações não mais se restringem às organizações específicas como o anarcosindicalismo, mas abarcam um conjunto de iniciativas, atividades, grupos heterogêneos que podem ser identificados como novas expressões do anarquismo contemporâneo. São os *despertares da anarquia* que, segundo Barret, constituem acontecimentos que se “remontam em uma historicidade concreta e que só pode[m] ser entendido[s] como um campo renovado de oportunidades e desafios e nada mais que como tal”²³.



Barret destaca, ainda, que mesmo que essa renovação no movimento anarquista se desenvolva em uma historicidade concreta que abre um campo renovado de oportunidades, ela, fundamentalmente, mantém uma intransigente reafirmação da *crítica radical do poder* e uma irremovível *ética da liberdade*. Duas premissas do *ethos* libertário anarquista que, malgrado as transformações ocorridas, mantém-se como fundamentos das práticas atuais.

Outro autor que traz uma reflexão importante sobre o anarquismo na contemporaneidade é Thomás Ibañez, que destaca o “ressurgimento do anarquismo no século XXI”. Ele aponta para o fato do anarquismo ser fundamentalmente um *movimento*, e como tal se desenvolver em permanente *devenir*, ou seja, em constante transformação: “Sim! O anarquismo está em movimento e o está num duplo sentido. Por um lado, lançou-se numa dinâmica de renovação que o faz mover-se a um ritmo que não acontecia há muito tempo, o que significa, entre outras coisas, uma ampliação considerável de suas linhas e de seus temas de intervenção, uma forte diversificação das formas que assume e um considerável aumento de suas publicações (...). Os símbolos anarquistas surgem nas regiões mais remotas do globo; as ações anarquistas despontam no noticiário, surgem onde menos se espera, e os movimentos anarquistas, cuja magnitude é às vezes desconcertante, agitam várias áreas geográficas”²⁴.

Tanto Barret como Ibañez destacam que esse ressurgimento e/ou despertar do anarquismo nas últimas duas décadas pode ser explicado pelo processo histórico que demonstrou a falência das promessas emancipatórias do século XX. Seja o chamado socialismo



real ou o liberalismo realmente existente, ambos em nome da liberdade, da humanidade, ao contrário do que pregavam, aprofundaram as relações de dominação e opressão vigentes. Dentre essas promessas malogradas de emancipação, sem dúvida encontraremos a educação estatal, obrigatória e de massas que, ao invés da formação de indivíduos livres e autônomos, cumpriu a função de adestramento e formatação de sujeitos sujeitos preparados para a integração no sistema.

Concordamos com Ibañez quando destaca que o atual ressurgimento do anarquismo é portador de excelentes perspectivas para todas as práticas de resistência, subversão e rebeldia que enfrentam as imposições do sistema social vigente: “a expansão do anarquismo abre, efetivamente, a possibilidade de multiplicar-se e intensificar as lutas contra os dispositivos de dominação, colocar mais frequentemente em xeque-mate os atentados à dignidade e às condições de vida da população, subverter as relações sociais moldadas pela lógica mercantil, arrancar espaços para viver de outro modo, transformar as nossas subjetividades, diminuir as desigualdades sociais e ampliar o espaço aberto ao exercício das práticas de liberdade. E tudo isso, não para amanhã ou depois de amanhã; não para depois da grande ruptura que tudo vai mudar, mas para os dias de hoje, no dia a dia, no cotidiano”²⁵.

Transformar o mundo de modo parcial, porém radical: isso é o que o movimento do anarquismo nos oferece hoje, afirma Ibañez, para completar que “isso está longe de ser algo insignificante”. O autor também destaca que esse novo momento do anarquismo está marcado por reinvenções feitas por coletivos e pessoas que não necessariamente são oriundos dos meios que se definem



explicitamente como anarquistas, mas que sem dúvida se identificam com sua filosofia ao realizar ações de autogestão, ação direta, cooperação, apoio mútuo com o objetivo de construir modos de vida livres, sem hierarquias, opressões, dominação e exploração de qualquer natureza. Essa reinvenção, segundo Ibañez, representa a vitalidade do anarquismo e significa que não é uma mera reprodução do anarquismo existente anteriormente, pois incorpora aspectos inovadores. Dentre esses aspectos está o próprio conceito de *anarquia*, que para o autor significa muito mais um “estado de coisas”, cuja característica definidora consistiria em “excluir a dominação e onde a diversidade e a singularidade poderiam manifestar-se livremente”. Dessa forma, a anarquia pode ser considerada como um dos muitos modos possíveis de realidade. Assim, aponta Ibañez que “certos aspectos da vida exigiriam encontrar-se em um estado de anarquia para poder existir”²⁶.

Essa caracterização feita por Ibañez dialoga com o conceito de *anarquia em ação* de Colin Ward, que sustenta a tese segundo a qual a “anarquia é uma ação prática não utópica”²⁷, na medida em que já existe em nossa realidade. O que fundamenta essa hipótese de Ward é a possibilidade de construir hoje *espaços de liberdade* mesmo que dentro de um marco social repressivo como é a sociedade moderna. Para ele, a autogestão, a horizontalidade, o apoio mútuo e a cooperação são perfeitamente realizáveis e se realizam na vida cotidiana. Isso, afirma o autor, é também a *anarquia*, ou seja, *Anarquia em Ação*²⁸, definição que dá título ao seu livro mais conhecido de 1973.

O anarquismo pragmático de Ward se caracteriza por um enfoque prático baseado em três ideias relacionadas entre si: o pluralismo; o anarquismo como parte integrante do



presente; e uma marcada preocupação pela resolução de problemas. A partir dessa perspectiva de anarquia, Ward nos auxilia a pensar a educação libertária nos espaços heterotópicos como as *Okupas* quando aponta como exemplos de anarquismo em ação as experimentações autogestionárias realizadas no presente, entre elas as práticas de educação desescolarizadas.

Para Ward, o sentido último do anarquismo seria, fundamentalmente, empurrar a sociedade para uma maior anarquia, em direção ao apoio mútuo e ao cooperativismo e, por conseguinte, “ampliar o espaços anarquistas no mundo real”. Por isso será constante em sua concepção de anarquia o interesse nas formas de ação direta: as reivindicações para a autogestão desde baixo, os movimentos para a desescolarização, os grupos de apoio mútuo terapêuticos, os movimentos de ocupação de moradias e *Okupas*, as cooperativas de produção e de consumo, os sindicatos autônomos, assim como as organizações comunitárias com suas atividades de autoconstrução e projetos de comércio local.

Em aberta polêmica, tanto com o estatismo próprio do pensamento comunista, como com parte do pensamento anarquista utópico, a opção de Ward se dirige a “libertar” o presente, o cotidiano. Daí que ele usa a metáfora acerca da anarquia como “semente debaixo da neve, sepultada sob o peso do Estado e da burocracia, do capitalismo, do privilégio e de suas injustiças, do nacionalismo e de sua lealdade suicida, das religiões e de suas superstições”²⁹. A Anarquia, portanto, não se refere a um estado perfeito de coisas em uma sociedade futura, senão ao método de organização social que corre paralelo ao mercado e aos métodos estatais, e que, como tal, já forma parte do



funcionamento de nossa vida social. Em certa medida, afirma Ward, nossas sociedades já solucionam problemas e se organizam para responder as necessidades utilizando a anarquia.³⁰

Podemos, a partir dessas contribuições teóricas sobre o anarquismo contemporâneo, pensar o fenômeno das *Okupas Anarquistas* como uma significativa expressão desse *despertar da anarquia* (Barret) como *movimento* (Ibañez) e como *anarquia em ação* (Ward).

Caracterizado ainda como um espaço heterotópico de sociabilidade libertária no qual se vivenciam práticas de trocas de saberes, autoformação com suas bibliotecas, oficinas, grupos de estudos que reinventam formas de vida em espaços ociosos e experimentando um conjunto de atividades culturais-educacionais abertas à comunidade do seu entorno, as *Okupas anarquistas* rompem com as visões preconceituosas e distorcidas sobre as práticas anarquistas, bem como apontam perspectivas para uma educação libertária no atual contexto histórico que vivemos.

Segundo pesquisa de Cléber Rudy³¹, as *Okupas*, escritas com K³², são a versão latinoamericana e brasileira dos *Squatt*, ação de ocupação de espaços imobiliários como casas, prédios que estão ociosos e sem uso, para transformá-los em espaços de vivência e cultura libertária autogestionária. Essas práticas emergiram na Europa nos anos sessenta do século passado, cujos precursores foram os *Krakers*³³, (do inglês *crack*, quebrar) surgidos na Holanda no contexto da contracultura. Eles ocupavam casas vazias em Amsterdã, capital da Holanda, que apareciam com suas portas e fachadas pintadas de branco. Esse era um sinal de que estavam ocupadas. Cabe destacar que Colin



Educação libertária com K: a educação anarquista das Okupas

Ward, no seu livro *Anarquia em ação*, cita a existência dos movimentos de ocupação na Inglaterra já em 1945.

Dessas primeiras reações contra a especulação imobiliária de grandes áreas urbanas, nasceria um movimento de reconhecimento internacional que posteriormente se multiplicaria por diversos países com a denominação de *Squatt* (Europa) ou *Okupa* (América Latina). Na década de 1980, essa forma de ação direta urbana irá vincular-se à cultura anarcopunk. Isso não significa que todas as *Okupas* sejam protagonizadas exclusivamente por ativistas anarcopunks³⁴, elas atraem uma diversidade/pluralidade de pessoas, sejam estudantes, anarquistas de variadas sensibilidades, ecologistas, feministas, artistas e, poderíamos dizer, espíritos libertários em geral. Como uma ação direta que busca tanto desafiar as políticas excludentes de especulação imobiliária como criar centros de experimentações culturais e vivências libertárias, elas se constituem como expressão viva dessa renovação das práticas anarquistas nesse novo século que se inicia.

É importante destacar que esse conjunto de espaços libertários autônomos construídos por grupos e coletivos ácratas vêm se multiplicando nos centros urbanos nas últimas duas décadas, seja na Europa como na América Latina, contribuindo para um inegável crescimento do movimento anarquista contemporâneo. Um movimento que é completamente diferente do que foi no passado, mas que mantém fortemente enraizados os princípios e valores libertários.

O pesquisador Cléber Rudy destaca que, “numa época de descaracterização do ideal anarquista, comumente tachado como desordem pelos meios de comunicação, os anarco-



punks faziam questão de afirmar a força e a criatividade do pensamento libertário como intervenção política”³⁵.

As experiências de *Okupa*, no Brasil, deram seus primeiros passos no final da década de 1980, sendo que a primeira experiência a ganhar destaque na mídia ocorreu em julho de 1993, em Florianópolis, quando um grupo de cerca de dez anarcopunks ocuparam um prédio de 15 cômodos da prefeitura da cidade, conforme pesquisa de Cleber Rudy, que destacou como foi a repercussão na imprensa: “Anarcopunks invadem prédio buscando um espaço alternativo’, estampou em manchete o jornal local *O Estado*, que assim descreveu o grupo: ‘Eles são anarquistas, mas frisam que não são desordeiros. Prova disso é a tentativa de recuperar o local abandonado desde o incêndio que aconteceu no ano passado. Sonham com um mundo onde não existam governantes, apenas respeito entre as pessoas”³⁶.

A partir dali, diversas *Okupas* foram criadas nos anos 1990, das quais algumas são destacadas por seu tempo de duração e diversidade de atividades. Uma delas foi a *Squat Kaãza*, ocorrida em julho de 1995, realizada por anarcopunks na periferia de Curitiba e que durou mais de uma década. O grupo produziu o fanzine *Inf. Punk* e o *Sentidos do Ser* nº 5, cuja renda servia para as reformas da casa como compra de vidros para as janelas. A partir de alguns ativistas dessa ocupação se originou outra, em 1997, o *Squat Payoll*, em uma casa abandonada de dois andares e 17 cômodos, próximo ao centro de Curitiba. Essa *Okupa* teve intensa atividade cultural, como a Jornada Cultural, com palestras sobre os movimentos punk e *squatter*, exposição de vídeos, recitais de poesias, teatro e show beneficente para o *squat*, com apresentação de bandas punk.



Mesmo que a repressão do Estado tenha sido uma constante, na virada do século XX e nessa primeira década do XXI houve um significativo crescimento das *Okupas* em todo o país.³⁷ Algumas se destacam, mesmo com pouca duração, pela dimensão das atividades e exemplos das possibilidades de uma cultura baseada nos princípios libertários; também ficam marcadas quando são reprimidas e destruídas pela polícia.

Temos ainda os casos como o da *Okupa* Teimosia, criada em Porto Alegre em 2004. Em uma casa de 30 cômodos no Bairro Bom Fim, área nobre no centro da cidade, a Teimosia abrigava biblioteca e videoteca, patrocinava oficinas de confecção de velas e trabalhos com *graffiti* e percussão, e acabou por enfrentar a repressão policial e ainda ataques neonazistas. Logo no início da ocupação, alguns skinheads tentaram intimidar os ocupas, depreciando o espaço, rasgando e surrupiando faixas com mensagens de protesto. Recentemente tivemos o caso da *Okupa* Kuna Libertária, localizada em um casarão abandonado em uma das principais avenidas de Porto Alegre, que, após completar um ano de atividades culturais em 2016, reconhecida e respeitada pela comunidade do bairro, foi desalojada para demolição do prédio e construção de um estacionamento. O desalojo foi destaque no jornal *Sul 21*: “com um ano e meio de existência, a ocupação Kuna Libertária, na Avenida Osvaldo Aranha, em Porto Alegre, foi despejada nesta quarta-feira (17). O local tinha como ideologia ser um espaço de compartilhamento e cultura sem se prender à lógica capitalista. O proprietário do prédio, a empresa Cerâmica Taquari Construções LTDA, teria deixado o imóvel desocupado por mais de dez anos, segundo o grupo que estava utilizando o espaço, e foi quem pediu a reintegração de posse”³⁸.



Podemos citar ainda, entre as mais conhecidas, as *Okupas* que sobrevivem à especulação imobiliária: destacam-se o J13 e o Alvorada Libertária, no Paraná; o Korr-Cell, o Guamirim de Maio e o Bosque Ibirapijuca em Santa Catarina; e, no Rio Grande do Sul, como uma das mais antigas, a Okupa 171³⁹, em Pelotas, e a mais recente, a Okupa Pandorga⁴⁰, que nasce em 2015, em Porto Alegre.

São esses novos espaços/lugares de práticas libertárias, dos quais citamos apenas alguns dos vários existentes, que foram se multiplicando nos centros urbanos e constituindo-se não como espaços de uma “utopia” de sociabilidade ideal, mas como heterotopias da invenção de “outros lugares” de experimentação de vivências libertárias. Compõem, assim, uma das expressões novas da miríade de ações e iniciativas que caracterizam o anarquismo contemporâneo, como aponta Passetti: “A atualidade do anarquismo está não apenas em confirmar as qualidades de suas críticas às autoridades, ao Estado moderno de direito como forma acabada do domínio, libertando-nos dos malefícios das defesas dos mais diversos intervencionismos. Sua virtualidade no presente se configura ao abandonar a filiação utópica do século XIX para se apresentar como construtor de miríades de associações capazes de coexistirem federativamente. Suas contribuições se tornam alavancas para a realização da liberdade, não como um bem absoluto, mas por reconhecer a inexorável convivência com a autoridade e investir em relações cada vez mais horizontalizadas, amistosamente engendradas e avessas às centralidades do poder”⁴¹.

Como já havíamos mencionado, a educação é uma das práticas mais importantes para os anarquistas e, sendo



assim, não poderia estar ausente dessas experimentações de vivências libertária. Todavia, é importante destacar que dificilmente nesses espaços o termo “Educação” é utilizado para referir-se aos processos de troca de saberes e construção de conhecimentos que se desenvolvem ali. Talvez pelo fato do termo “Educação” manter seu forte caráter de “serviço” estatal, como bem demonstrou Illich ao referir-se ao processo de “escolarização” da própria imaginação que ocorre nas sociedades modernas. Diz ele que quando as pessoas se referem à educação, confunde-se “ensino com aprendizagem, obtenção de grau com educação, diploma com competência, fluência no falar com capacidade de dizer algo novo”⁴². Ou seja, só é caracterizada como educação aquela fornecida pelo Estado ou pelo mercado, como saberes empacotados em embalagens, meras mercadorias e serviços oferecidos por instituições legitimadas pela burocracia estatal.

Nas *Okupas Anarquistas*, ao contrário, encontramos diversos processos de aprendizagens, troca de saberes e conhecimentos a partir das oficinas, grupos de estudo, ciclos de cinema, bibliotecas, teatro, criação de zines, bandas, poesias, produção de alimentos, sociabilidades autogestionárias. Saberes e conhecimentos auto-construídos coletivamente que ressignificam o conceito de “Educação”, agora como auto-criação e socialização de saberes, ou seja, um resgate das ideias de educação anarquista do passado renovadas em novas práticas, como muito bem sintetizado por Passetti e Augusto: “A educação anarquista volta-se para a liberdade, experimentações e maneiras de lidar com a criança e o jovem que os fortificam como pessoas autônomas, com capacidade de entendimento e decisão; valoriza a rebeldia, o oposto da



escola socialista ou capitalista, autoritária ou democrática. Assim, a educação e a escola anarquista voltam-se para a crítica com rompimento, transformação e irrupção de inventividades. A educação, nos termos de Proudhon, é guerreira; para Godwin, é revigoradora; segundo Stirner, é direta com os objetos; para Faure, é imaginativa: uma educação guerreira e inventiva voltada para o objeto sempre se revigora. Ela acontece no instante e convulsiona adultos e crianças. Se um fato revolucionário acontecer, este será somente mais um instante libertário; a revolução não é condição para a nova vida, esta já existe e acontece em cada associação; e cada associação é capaz de absorver desvios e escolhas”⁴³.

A seguir, apresentamos uma descrição de experiência de uma *Okupa* e sua relação com as práticas de cultura-educação em perspectiva anarquista.

casa okupa 171: vivências autogestionárias como processo de auto-educação coletiva e antipedagogia

*O anarquista é um guerreiro, um contestador, um inventor de existências. Suas práticas de demolição estão voltadas para abolir instituições hierárquicas, com suas impessoalidades e transcendentalidades, suas pessoas uniformizadas, alternativas, controladoras e, também, os fantasmas que gravitam em torno desses espaços.*⁴⁴

A título de ilustração das experiências das *Okupas* que analisamos teoricamente como espaços em potencial de uma educação anarquista, descrevemos de forma breve a história da Casa Okupa 171, localizada na cidade de Pelotas, região sul do Rio Grande do Sul, e que em 2016



completou sete anos de existência. Conforme relembra um dos integrantes que está na Casa desde seu início: “O nascimento da Okupa 171 se dá em meados de novembro de 2009, quando algumas individualidades de perspectiva anarquista adentram uma casa desocupada do centro da cidade de Pelotas, que já havia sido alvo de outras ocupações, mas que não haviam se estabelecido. A partir daquele momento a casa passa a ter pessoas comprometidas em estabelecer um espaço ocupado de caráter ácrata, com todas as especificidades que englobam essa perspectiva, tanto teórica e, principalmente, prática. Nascia a Casa Okupa 171”⁴⁵.

No decorrer dos anos, até os dias atuais, o espaço físico “okupado” passou por diversas modificações e transformações, tanto no que diz respeito a reformas e melhorias no prédio, como na caracterização que tomou pela orientação de vida dos ocupantes, com paredes que “falam” com cartazes do mundo todo que “gritam” contra toda autoridade.

Na casa desenvolvem-se projetos permaculturais, como telhado vivo, estufa para desenvolvimento de plantas comestíveis e medicinais. Há também a compostagem de tudo que é consumido de orgânico pelos habitantes do espaço que, depois de todo o processo que simula o natural, pode produzir um fertilizante orgânico de alto desempenho. Destaca-se também a biblioteca José Saul⁴⁶, que possui diversificado acervo, contendo uma prateleira com magnífico conteúdo anárquico e de cunho libertário.

A casa se autogestiona de forma horizontal e organizada; os moradores desenvolveram uma cooperativa interna que realiza atividades tais como *pizzadas* e outras festas para



arrecadar recursos financeiros para desenvolver projetos e reformas no prédio, além de outros gastos. A casa conta ainda com um estúdio musical para ensaios de bandas e músicos.

O espaço libertário conta, nesses sete anos de sua existência, com uma agenda de atividades fixas e esporádicas, propostas por qualquer pessoa que visita o espaço. As atividades variam desde oficinas para aprender a arrumar sua própria bicicleta a preparo de cremes e óleos naturais. Também se desenvolvem oficinas de fotografia, serigrafia, etc. Sempre com o intuito de autonomia individual, construindo informalmente uma rede de conhecimento e aprendizagem compartilhado, que beneficia a todos nas trocas de conhecimentos e cotidianiza a absorção de saberes, como nos ciclos de cine temáticos, para fomentar a discussão e troca de experiências. Pode-se identificar nesse conjunto de atividades e práticas autogestionárias a expressão do que Passetti e Augusto denominaram de heterotopias da invenção, ou seja, o “outro lugar” para a outra educação construída anarquicamente. “É como heterotopia da invenção que tanto a educação, a escola, os ateneus e demais experimentações anarquistas podem ser acompanhadas, revistas, estudadas, modificadas, revigoradas. Espaços sem fronteiras definidas, espaços federativos de associações de livros, de pessoas únicas e inacabadas que se reúnem para levar adiante suas heterotopias libertárias, suas delicadezas e forças, levezas e asperezas, consigo, com os demais e principalmente com a sociedade”⁴⁷.

Atualmente no espaço desenvolve-se um grupo de Estudos de Educação Libertária, com calendário de atividades e um ciclo cinematográfico relacionado com



Educação libertária com K: a educação anarquista das Okupas

o tema educação-cultura, sob a perspectiva ácrata. A discussão sobre Educação Libertária tem permitido realizar uma reflexão entre os próprios integrantes da *Okupa* acerca do papel cultural-educacional que a autogestão e as atividades abertas ao público externo da casa, incluindo aí a biblioteca, constituem na prática como educação anarquista. Os integrantes da *Okupa* que são estudantes e participam do Grupo de Estudos também integram o Grupo de pesquisa sobre Educação Libertária e anarquista criado na Universidade Federal de Pelotas.

A Casa Okupa 171 se constitui, assim, como espaço e *heterotópico de invenção* da Educação Libertária, como um contraponto à velha educação escolarizada, que realiza um confronto direto com a lógica da institucionalização do conhecimento, uma recusa da lógica do Estado a partir de experimentações de relações livres e antiautoritárias no processo de construção e autocriação de saberes livres. Conforme Passetti e Augusto: “Não faz mais sentido falar de escola na atualidade, mas voltar a falar de invenção de liberdade como possibilidade de lidar com o inédito (...). Numa sociedade de controle a céu aberto que não suporta resistências, que pretende incluí-las de vez ou simplesmente eliminá-las pela convocação à participação democrática, os anarquistas em luta ensaiam outras existências. Suas ações diretas saíram da recusa, da substituição, da experimentação do reverso da ordem para outra ordem, da sociedade com Estado para a sociedade sem Estado”⁴⁸.

Dessa forma, podemos dizer que os libertários de hoje, nos mais diversos espaços autônomos, mantém vivas as possibilidades de uma educação libertária que mobilizaram os anarquistas do passado. Se no século



passado os anarquistas construíaam ateneus nos sindicatos, jornais, grupos de teatro, Centros Sociais, hoje o espírito libertário permanece presente nas *Okupas* e suas bibliotecas, fanzines, oficinas, grupos de estudo, páginas e blogs na internet.

Uma das características fundamentais que marcam os processos de vivências nas *Okupas* são as subjetividades que formam relações éticas e estéticas baseadas na amizade como valor fundamental. A livre adesão em espaços de vivência coletiva e autogestionária requer relações de amizade. Para o anarquista, essa relação é condição da vivência. Conforme Passetti e Augusto, citando Kropoktin, “Amigos que subvertem a fraternidade burguesa, traduzida em caridades e filantropias, e mesmo a anarquista, em que o sagrado repercute pelo avesso, com o nome de ajuda mútua e relações de afinidades, realizadas entre pares em busca da superação das necessidades”⁴⁹.

“(...) heterotopia da invenção é um espaço anarquista de fronteira disforme, em que pessoas e associações elaboram subjetividades libertárias; em que se arruina a grande e a pequena moral, em favor da coexistência de éticas elaboradas por amigos que se voltam para a vida pública. Amigos que retomam a prática grega de atuar no espaço público, rebelando-se contra a condição da amizade colocada pelo cristianismo no âmbito das relações privadas entre pessoas que se identificam e ajudam”⁵⁰.

Malgrado as diversas atividades de caráter cultural e educacional realizadas em diversas *Okupas*, a construção de bibliotecas e dinâmicas de trocas de saberes e conhecimentos, como oficinas e grupos de estudo, muitas vezes são sequer reconhecidas por quem as realiza



como processos educativos. Isso ocorre principalmente pelo fato do conceito de educação ainda permanecer fortemente vinculado ao paradigma institucionalizado de ensino, legitimada pelo Estado. É o que Ilich chama de “imaginação” escolarizada, que faz com que “se confunda ensino com aprendizagem, obtenção de grau com educação, diploma com competência, fluência no falar com capacidade de dizer algo novo”⁵¹. O rompimento com esses mitos ainda é um desafio mesmo para quem, na prática, já realiza processos educacionais desescolarizados.

A partir dessa breve descrição de uma experiência de *Okupa* que realiza atividades de caráter cultural-educacional há mais de seis anos, encontramos uma pequena, mas não menor, experimentação/ensaio do que pode ser uma educação anarquista. Construções de práticas libertárias, não mais como utopias, não-lugares, mas sim como “outros lugares” de possibilidades infinitas, criadas e recriadas nas relações de vivências coletivas e autogestionárias, de únicos associados, como pensou Max Stirner no século XIX. Nesses espaços, pode-se ver que se os problemas e questões colocadas pelos anarquistas no passado quanto aos processos educacionais ainda permanecem, os caminhos propostos são outros e variados, pois refletem o novo quadro de época em que vivemos, como nos mostra bem Daniel Barret. Um momento no qual o ressurgimento de práticas e relações coletivas anárquicas nos permite pensar nas possibilidades de uma outra educação, em outros lugares e outras perspectivas.

Entre essas diversas *heterotopias* que formam o universo anarquista em permanente criar e recriar de formas de vida, identificamos, portanto, as *Okupas* — espaços de experimentações e exercícios de vivência autônoma e



autogestionária como hipótese desse “outro lugar” para as práticas de Educação Libertária dos anarquistas do século XXI.

Apresentamos nesse artigo algumas reflexões preliminares de um debate que requer, sem dúvida, maiores aprofundamentos. A partir das elaborações críticas de Pedro Garcia Olivo sobre a Educação moderna e a Escola, apontamos as experiências das *Okupas Anarquistas* como possíveis *outros da escola*, como espaços de exercícios de uma *educação anarquista*, entendida aqui como práticas de autoformação de singularidades livres a partir de práticas autogestionárias de troca de saberes e produção de conhecimentos.

Sustentamos a hipótese de que ao mesmo tempo em que as *Okupas* se convertem em espaços de *heterotopias da invenção*, ou *locus* de experimentações de vidas coletivas e autogestionárias, inauguram uma nova forma de fazer/pensar a educação através das práticas e ações de autoformação e trocas de saberes baseadas em relações horizontais que constroem uma ética e estética da amizade que tem na cooperação e no compartilhamento o *ethos* anárquico por excelência.

Em um segundo momento, procuramos localizar a experiência das *Okupas anarquistas* no novo momento histórico de renovação/renascimento do anarquismo contemporâneo. Para isso, utilizamos como referencial teórico os conceitos de *anarquia em Ação*, de Colin Ward, e de *anarquia como movimento*, de Thomás Ibañez, com o objetivo de realizar um esforço interpretativo sobre esse fenômeno social e sua relação com práticas educacionais livres.



Notas

¹ Este artigo foi apresentado no I Congresso de Investigadorxs sobre o Anarquismo, realizado em Buenos Aires de 26 a 28 de outubro de 2016, e é parte da pesquisa em desenvolvimento sobre “Memória, teorias e práticas de Educação Libertária no Rio Grande do Sul”, realizada pelo Grupo de Pesquisa Educação Libertária e Anarquista (GEPEL&A) da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

² Pedro Garcia Olivo. “Desescolarizar el pensamiento para pensar la Escuela. El oficio del Profesor: ¿infanticidio o invención de la infancia?” in *La Haine*, 2012. Disponível em: http://www.lahaine.org/est_espanol.php/desescolarizar-el-pensamiento-para-pensa (acesso em: 24/05/2012).

³ Edson Passetti e Acácio Augusto. *Anarquismos & Educação*. Belo Horizonte, Autêntica, 2008.

⁴ Passetti e Augusto identificam as heterotopias de invenção como “(...) maneiras de educar elaborando regras móveis, feitas para e com as pessoas envolvidas com a educação e mesmo com escolas, em função da vida livre da criança. Situação que poderíamos caracterizar, seguindo as caracterizações de Michel Foucault, próprias de uma Heterotopia, experimentando subjetividades éticas e estéticas próprias e que nos anarquistas se distinguem como heterotopia da invenção” (Idem, p. 82).

⁵ Ivan Illich. *Sociedade Desescolarizada*. Porto Alegre, Deriva, 2007.

⁶ Ierecê R. Beltrão. *Corpos doces, mentes vazias, corações frios. Didática: o discurso científico do disciplinamento*. São Paulo, Imaginário, 2000.

⁷ Pedro Garcia Olivo. *La Bala y la escuela*. Barcelona, Virus Editorial, 2009, p. 21.

⁸ Referimo-nos ao termo Educação Libertária como ideias/propostas e práticas de educação teorizadas e realizadas por pensadores, filósofos e educadores identificados com o pensamento anarquista desde o seu surgimento como filosofia política na Europa do século XIX.

⁹ Clóvis Kassick. *A ex-cola libertária*. Rio de Janeiro, Achiamé, 2004, p. 15.

¹⁰ Pedro Garcia Olivo, 2012, op. cit., p. 37.

¹¹ Nos últimos dez anos, Pedro Garcia Olivo produziu um conjunto de obras que tratam do tema da educação e crítica à cultura moderna ocidental. Entre artigos e livros, destacamos: *El irresponsable*; *Cadáver a la intemperie*;



La bala y la Escuela; El educador Mercenário; Una crítica radical a la escuela en la democracia; El Enigma de la Docilidad e El dulce Leviatã.

¹² Pedro Garcia Olivo. *O Educador Mercenário. Para uma crítica radical das escolas da democracia*. Lisboa, Textos Igneost, 2017, p. 17.

¹³ Ao longo da história do movimento anarquista, o tema da Educação terá centralidade em suas práticas. Já entre os precursores do pensamento libertário como William Godwin, no final do século XVIII, e Max Stirner, na segunda metade do século XIX, encontraremos as primeiras críticas à educação estatal obrigatória, que se consolidaria no Ocidente a partir do paradigma prussiano. Posteriormente, veremos emergir as primeiras experiências práticas educacionais realizadas pelos anarquistas no contexto da emergência do próprio movimento anarquista na Europa do final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX.

¹⁴ Pedro Garcia Olivo, 2017, op. cit., p. 23.

¹⁵ Sobre a Escola Paidéia, ver: Josefa M. Luengo. *La escuela de la Anarquía*. Madrid, Ediciones Madre Tierra, 1993, e Clóvis Kassick, 2004, op. cit.

¹⁶ Pedro Garcia Olivo, 2017, op. cit., p. 27.

¹⁷ Idem, p. 27.

¹⁸ Max Stirner, *O único e a sua propriedade*. Tradução de João Barrento. São Paulo, Martins Fontes, 2009, p. 86.

¹⁹ Pedro Garcia Olivo, 2017, op. cit., p. 32.

²⁰ Guilherme Corrêa. “O que é a escola?” in Maria Oly Pey (org.). *Esboço para uma História da Escola no Brasil. Algumas reflexões*. Rio de Janeiro, Achiamé, 2000, p. 19.

²¹ Pedro Garcia Olivo, 2009, op. cit., p. 94.

²² Colin Ward. *Anarquía en acción. La práctica de la libertad*. Madrid, Enclave de Libros, 2013, p. 68.

²³ Daniel Barrett. *Los sediciosos despertares de la anarquía*. Buenos Aires, Terramar Ediciones, 2011, p. 75.

²⁴ Thomáz Ibañez. *Anarquismo é movimento. Anarquismo, neoanarquismo e pós-anarquismo*. Tradução de Sérgio Norte. São Paulo, Intermezzo/Imaginário, 2015, p. 19.

²⁵ Idem, p. 30.



Educação libertária com K: a educação anarquista das Okupas

²⁶ Ibidem, p. 35.

²⁷ Colin Ward, 2013, op. cit., p. 73.

²⁸ Nesse livro, o autor dedica um dos capítulos à análise crítica sobre a educação obrigatória apontando para a perspectiva da desescolarização.

²⁹ Colin Ward, 2013, op. cit., p. 73.

³⁰ Idem.

³¹ Cléber Rudy. “Ocupar com K” in *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro, ano 8, n. 95, 2013, pp. 22-27.

³² Segundo pesquisa de Cléber Rudy, a grafia da palavra *Okupa* com K tinha o sentido de diferenciar-se das ocupações realizadas com o intuito de conquista da moradia e posterior regulamentação pelo Estado, que são uma proposta dos Movimentos de Luta pela Moradia. No caso das *Okupas* anarquistas, a proposta não é limitar-se à moradia, mas constituir espaços de cultura e educação de caráter político; da mesma maneira, seu objetivo não é legalizar ou negociar autorizações junto ao Estado ou aos proprietários.

³³ No auge de suas ações, na década de 1980, os *krakers* atingiram mais de 15 mil ocupações, e deram forma a um importante arsenal de propaganda, constituído pela revista *Bluf!*, rádios clandestinas, livrarias, oficinas gráficas, assessoria jurídica, bares e cafés. Para se prevenir das violentas ações policiais no cumprimento de ações de despejo, os *krakers* criaram recursos de resistência que iam de um elaborado sistema de comunicação (rede de ajuda), que mobilizava dezenas de militantes, até o uso de barricadas, pedras e coquetéis molotov. Recentemente, mudanças na legislação da Holanda criaram, em 2010, a lei “Antikrak”, criminalizando as ações de ocupação e colocando em xeque inúmeros espaços mantidos pelos *krakers*, situação que tem gerado fortes protestos. Ver: Cleber Rudy, 2013, op. cit.

³⁴ Segundo Rudy (2013, op. cit.), nos anos 1980, com a abertura política, alguns punks travaram contato com militantes anarquistas e passaram a participar de discussões promovidas por coletivos libertários de São Paulo. Assumiam uma identidade de luta comprometida com as questões sociais e marcada por reflexões oriundas do anarquismo. Na década de 1990, o Movimento Anarco-Punk (MAP) já agregava uma rede de núcleos em diversas cidades do Brasil.

³⁵ Cléber Rudy, 2013, op. cit., p. 25.



³⁶ Idem.

³⁷ O pesquisador Rudy destaca que das 43 mais importantes *Okupas* realizadas no país até 2012, na maioria localizadas no Sul e em São Paulo, a quase totalidade foi extinta por ações de despejo.

³⁸ “Ocupação cultural Kuna Libertaria é despejada em Porto Alegre” in *Sul 21*. 18/02/2016. Disponível em: <http://www.sul21.com.br/jornal/ocupacao-cultural-kuna-libertaria-e-despejada-em-porto-alegre/> (acesso em: 18/02/2016).

³⁹ A Okupa 171 completou sete anos em 2016. Nascida da ocupação de um casarão abandonado que pertencia ao DCE da Universidade Federal de Pelotas, vem promovendo de forma permanente um conjunto de atividades e ações diretas como oficinas, grupos de estudo, biblioteca, feiras de livro etc., e se consolida como uma das experiências de *Okupa* mais ricas de cultura libertária da cidade de Pelotas.

⁴⁰ Notícia do Informativo Jornalismo B, em edição de agosto de 2015, destaca que “No dia 18 de julho, dezenas de pessoas ocuparam um terreno do poder público ocioso há seis anos, localizado no bairro Azenha, em Porto Alegre. Com o intuito de construir um centro de cultura e de moradia, famílias e coletivos criaram a *Ocupação Pandorga* e estão limpando o espaço de 1.200m², onde serão oferecidas oficinas de teatro, circo e cinema abertas à população”.

⁴¹ Edson Passetti. *Anarquismos e sociedade de controle*. São Paulo, Cortez, 2003, p. 63.

⁴² Ivan Illich, 2007, op. cit.

⁴³ Edson Passetti e Acácio Augusto, 2008, op. cit., p. 81.

⁴⁴ Idem, p. 113.

⁴⁵ Paulo Marques e Edson Rodrigues. “Do Grupo Iconoclasta à Okupa 171. Cem anos de Cultura Educação Libertária em Pelotas”. Trabalho apresentado na 3ª Jornada de Pedagogia Libertária, Recife, 2015. Disponível em: <https://jornadapedagogialibertaria.wordpress.com/programacao>. (acesso em: 22/08/2015).

⁴⁶ O nome da biblioteca é uma homenagem a José Saúl, primeiro anarquista de quem se tem notícia, que chegou em Pelotas, segundo informação dos integrantes da Casa Okupa 171.



Educação libertária com K: a educação anarquista das Okupas

⁴⁷ Edson Passetti e Acácio Augusto, 2008, op. cit., p. 82.

⁴⁸ Idem, p. 112.

⁴⁹ Ibidem, p. 82.

⁵⁰ Ibidem, p. 82.

⁵¹ Ivan Illich, 2007, op. cit., p. 7.

Resumo

O artigo parte do referencial teórico sobre o anarquismo contemporâneo de autores como Tomás Ibáñez, Daniel Barret, Colin Ward e Edson Passetti, assim como os conceitos de aprendizagens livres e desescolarização de Ivan Illich e Pedro Garcia Olivo, para analisar as possibilidades de experimentações de Educação Libertária nos espaços autônomos e heterotópicos das Okupas.

Palavras-chave: anarquismo, Educação Libertária, Okupas.

Abstract

The article is based on the theoretical reference on contemporary anarchism by authors such as Tomás Ibáñez, Daniel Barret, Colin Ward and Edson Passetti, as well as the concepts of free learning and deschooling of Ivan Illich and Pedro Garcia Olivo, to analyze the possibility of experimentation in Anarchist Education in the autonomous and heterotopic spaces of the Okupas.

Keywords: anarchism, Libertarian Education, Okupas.

Anarchist Edukation with a 'K': Okupas' anarchist education, Paulo Marques.

Recebido em 10 de dezembro de 2016. Confirmado para publicação em 25 de abril de 2017.

